

ARTES FLUMINENSES

LUÍZ ANTONIO PIMENTEL

ALUÍZIO PALHANO

Branca Eloyse

ALUÍZIO PALHANO Pedreira Ferreira nasceu em 5 de setembro de 1922 na cidade de Pirajuru, Estado de São Paulo, filho de João Alves Pedreira Ferreira, advogado, e prospero fazendeiro e de D. Henis Palhano Pedreira Ferreira, cuja família, radicada em Niterói, foi proprietária do antigo Cinema Royal.

Em 1929 Aluízio é internado no Colégio Mackenzie, na capital de São Paulo, juntamente com seu irmão Honésio, um ano mais velho do que ele. Estavam com 7 e 8 anos respectivamente. Três meses depois aparece com os irmãos em Pirajuru. Não se conformaram com o regime do internato. Pirajuru fica a 350 km de São Paulo.

Em 1932 morre seu pai e sua mãe volta para Niterói com os sete filhos: Honésio, Aluízio, Lygia, Matilde, Maria Helena, Anísio e João, todos menores.

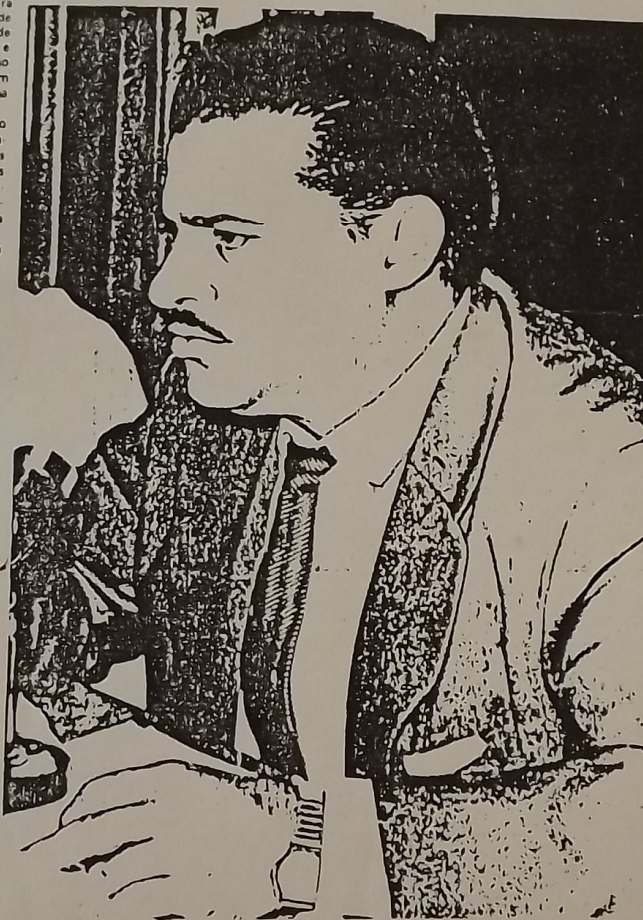
Mais uma vez Aluízio e Honésio são internados, agora no Colégio Salesiano, em Santa Rosa. Uma vez mais Aluízio se rebelou contra o internamento. De 1936 a 1938 vai para o Colégio Sívio Leite na Boca do Mato, Rio. Segundo relato de um ex-colega, Aluízio então com 14 anos, muito forte fisicamente, transforma-se em protetor dos menores e dos mais fracos, desviando nos contemporâneos a imagem de alguém que não tolerava injustiça. Em 1939 volta para Niterói e estuda no Colégio Plínio Leite e tem seu primeiro emprego. Vai ser bilheteiro no cinema Royal de propriedade de sua avó materna, já viúva. Termina os estudos no Colégio Plínio Leite e em 1942 ingressa no Banco do Estado do RJ.

Em 1943, Honésio, que era o sustentáculo da família como oficial da Marinha Mercante, morre no torpedeamento do navio TUTÓIA nas costas brasileiras. O TUTÓIA foi um dos muitos navios brasileiros torpedeados na época causando revolta em nossos conterrâneos que pressionaram o Brasil para entrar na guerra contra o fascismo. O corpo de Honésio nunca foi encontrado.

Aluízio, agora o mais velho, assume os encargos do irmão falecido, a quem era profundamente ligado. Estava com 21 anos de idade e responsável pela sobrevivência da mãe e dos cinco irmãos menores. Ingressa no Banco do Brasil, faz o NPOR, trabalha à tarde na seção de contabilidade de uma loja de louças pertencente a um tio (a popularíssima, na época, CASA MUNIZ da Rua do Ouvidor) e à noite estuda Direito na Faculdade de Direito de Niterói, onde termina o curso como aluno brilhante, respeitado e amado por professores e colegas. O brilho de sua inteligência e acuidade de seu sensibilidade já denunciavam o futuro líder.

Desempenha, portanto, apesar de sua pouca idade, as funções de bancário, advogado e chefe de família com responsabilidade exemplar.

Suas qualidades de líder autêntico o fazem, por duas vezes consecutivas, Presidente do Sindicato dos Bancários, sendo conhecidos os



benefícios que obtém para a classe, consequência de sua luta intransigente e eficaz.

Como advogado, sempre vitorioso nas causas que defende não chega à prosperidade financeira face a seus escrúpulos, seu senso moral, quando se tratava de estipular honorários. São

inúmeros os casos em que, sabedor das dificuldades dos clientes, recusava-se a receber o pagamento devido a seus serviços.

Contrai matrimônio em 12 de junho de 1947 com Leda Pimenta que lhe dá dois filhos, Márcia e Honésio, cujo nome é uma homenagem ao irmão morto.

Em 1963 é eleito Presidente da CONTEC (Confederação dos Trabalhadores de Estabelecimentos de Crédito), e Vice-Presidente da antiga CGT. Sua luta junto ao então Presidente João Goulart pela aprovação da Lei que regulamentava a Reforma de Lucros para o estrangeiro, lei essa que acaba por ser esmialhada, já é do conhecimento de todos que conhecem a História daquela época.

Com o golpe militar de 1964, Aluízio é sumariamente demitido do Banco do Brasil, cassado em seus direitos políticos pelo Ato Institucional nº 1 e — literalmente — cassado pelos órgãos de repressão. Permanece 40 dias clandestino tentando organizar uma resistência ao golpe. Convencido da impossibilidade de qualquer tipo de reação, sai-se na Embaixada do México em fins de maio de 1964. Exilado, permanece algum tempo no México e durante esse período mantém constante correspondência com amigos e familiares. Suas cartas do exílio, sempre cheias de afeto e saudades, são também um esboço de análises críticas sobre tudo que ocorria nesse nova América Latina. Forma e conteúdo expressos no mais alto nível de língua portuguesa que não possui mistérios para ele.

Em 1968, segundo informações da Imprensa Internacional, representa o Brasil na OLAS (Organização Latino-Americana de Solidariedade), em Havana, Cuba.

Em 1970 regressa ao Brasil, clandestino. Mantém contato com familiares por ocasião do casamento de sua filha mais velha. Em 24 de abril desse mesmo ano ainda faz contato com a família. Depois desse dia, o silêncio. Todos julgam que ele teria sido novamente do país e aguardam o rumo dos acontecimentos, sempre na esperança de tê-lo de volta.

Em 1976 correm os primeiros boatos de sua morte, confirmados em 1978 pela coreagem de um seu companheiro de prisão, Altino Dantas Jr. que envia carta ao Ministro do Superior Tribunal Militar, General Rodrigo Otávio Jordão Ramos denunciando o assassinato de ALUÍZIO PALHANO nas dependências do DOI-CODI de Rua TUTÓIA, em São Paulo, na madrugada de 21 de maio de 1971. Segundo esse relato Aluízio estava prisioneiro durante 11 dias, sofrendo as piores sevícias.

A Anistia Internacional confirma esse depoimento.

Aluízio Palhano estava morto. Seu corpo não foi devolvido à família e nenhum órgão oficial assume a responsabilidade por sua morte.

Não deixou bens materiais. Tendo convivido com o Poder Intimamente jamais pensou em beneficiar-se pessoalmente. Deixou, sim, aos que com ele conviveram a lembrança do privilégio que é poder ter privado de sua intimidade e uma esperança maior nos que, por acumulo de desencantos, desacreditam do homem.